

# APRESENTAÇÃO DO PLANO ESTRATÉGICO E DE MARKETING DO TURISMO DOS AÇORES

Ponta Delgada, 30 de março de 2016

## *Transcrição da intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro*

Apenas algumas palavras para, além de toda esta informação que já foi aqui salientada, dar duas ou três notas que me parece importante salientar neste momento.

Em primeiro lugar, o gosto que tenho em estar aqui na apresentação destas orientações e desta estratégia, que é bem sintomática do trabalho que, ao longo dos últimos anos, tivemos de empreender na nossa Região, não apenas curando e acudindo a áreas conjunturais, mas fazendo um esforço por definir opções estratégicas que pudessem estruturar o nosso desenvolvimento futuro em áreas de importância fundamental para a nossa economia, para a nossa Região no seu todo, como é o caso do Turismo.

Se me permitem, eu gostava de vos referir aquilo de que, na minha opinião, fala este Plano Estratégico e de Marketing. Em primeiro lugar, ele fala de inconformismo e de exigência, porque, efetivamente, seria mais fácil, em função de um conjunto de indicadores que são agradáveis, nós ficarmos por aqui. Se assim acontecesse, julgo que seria o princípio do fim deste setor.

Nós temos que ter consciência dos desafios que temos, temos que ter consciência, obviamente, daquilo que é agradável constatar e é agradável ver, mas temos, sobretudo, que ter consciência daquilo que nos falta fazer e ultrapassar.

Não podemos, nem devemos, ceder à tentação de nos deslumbrarmos com as estatísticas, de nos deslumbrarmos com os indicadores, considerando que o setor andarà por si.

Aquilo de que este Plano fala é, exatamente, de uma postura de exigência e de inconformismo que julgo essencial imprimir, garantir e impulsionar neste setor.

Em segundo lugar, fala-nos também de um esforço de concertação e de diálogo à volta da definição daquilo que queremos para o Turismo dos Açores. Este não é o plano do Governo, este não é o plano que corresponde àquilo que cada uma das centenas de pessoas e entidades que foram envolvidas na sua discussão entendem. Este é o plano que, com base em toda esta informação, esta entidade – o IPDT - definiu como aquela que era a estratégia, conversando, concertando e consensualizando, e que, a partir de agora, definida que está, é a estratégia que devemos seguir no futuro.

Esta será a estratégia que seguiremos no futuro. Mas é importante termos consciência do que é que significa dizer que esta é a estratégia que seguiremos no futuro. Não é apenas dizer: “bom, nós temos um Plano Estratégico e de Marketing do Turismo nos Açores e pronto”. Não! Isto quer dizer que, a partir daqui, há trabalho que terá que ser

desenvolvido, quer pelas entidades públicas, a começar pelo Governo dos Açores, e também por entidades privadas, no sentido de seguir estas linhas orientadoras.

Da parte pública, isso quer dizer que há um conjunto de alterações que, a partir daqui, devem ser desencadeadas, por exemplo, nos mecanismos de apoio a iniciativas com interesse turístico, afinando, aperfeiçoando de acordo com esta estratégia, para garantirmos que este é o plano que queremos seguir.

Sobretudo, porque não podemos, também, cair no erro de olhar para os objetivos e esquecer aquilo que implica alcançar esses objetivos ou o caminho que temos de fazer para alcançar esses objetivos. Isso implica alterações. É exatamente com esta consciência que hoje o Governo apresenta publicamente este Plano, dizendo que temos um dos pilares, não é apenas este, daquilo que queremos alcançar no Turismo dos Açores e que agora há um conjunto de alterações que serão concretizadas para seguir estas linhas.

Mas, se me permitem, iria um pouco mais além no que tem a ver, exatamente, com a parte que os privados podem esperar do Governo a partir do momento em que este Plano está aprovado e constitui a nossa linha orientadora.

Nós não podemos apoiar tudo e todos apenas com o pretexto de que é uma iniciativa de turismo. Em primeiro lugar, nós não temos uma estratégia que signifique isso. Obviamente, significa opções, significa escolher, significa privilegiar objetivos, áreas, temas que são apoiados, e, em segundo lugar - o que também releva - não temos recursos para fazer isso.

Há opções que têm de ser tomadas, mas não opções discricionárias, não opções aleatórias, mas opções que se pautem pelo seguimento e pela concretização desta estratégia.

Mas há uma terceira componente: a partir daqui nós não podemos criar a ilusão de que cada um pode seguir o seu caminho e cá estará o Governo para acudir e para amparar. Isso não pode acontecer e isso não acontecerá, pelo menos é essa a perspetiva que eu tenho. Não pode acontecer, nem acontecerá.

Isso não significa que todos e qualquer um dos intervenientes neste setor na Região esteja obrigado a seguir, seja coagido a seguir este Plano. De maneira nenhuma. Significa apenas que a responsabilidade da Região, a responsabilidade do Governo, é nas linhas deste Plano Estratégico, nos objetivos deste Plano Estratégico e nas medidas e ações que este Plano Estratégico implementa.

A partir daí, importa, com esta clareza, termos consciência de onde nos situamos, onde cada um de nós se posiciona face a um documento com a importância deste. Obviamente que cada entidade pode dizer “eu não concordo com nada que diz o Plano Estratégico e de Marketing do Turismo dos Açores e, portanto, vou seguir o meu caminho” ou “eu acho que o produto turístico não deve ser esse, mas deve ser aquele” ou “eu acho que o canal não deve ser este, mas deve ser aquele”.

É inteiramente livre de o fazer, não pode é contar com uma mobilização de recursos públicos para sustentar uma estratégia que não se adequa, não se coaduna, não se articula com este Plano Estratégico. E é importante termos todos a consciência deste aspeto, para que todos também possamos perceber onde nos situamos em relação aquilo que, a partir daqui, interessa e se deve fazer.

A concluir, neste momento de relativa euforia que se vive à volta do turismo, julgo ser minha responsabilidade, deixar três alertas.

Não nos deslumbremos com as estatísticas, nem com os indicadores positivos. Há muito trabalho a fazer do ponto de vista da qualificação de produtos, da qualificação de serviços e daquilo que, no fundo, pode dar consistência prática a acautelarmos o segundo alerta.

A sustentabilidade ambiental, económica e social do Turismo dos Açores é responsabilidade de todos, não é apenas do Governo dos Açores, e se nós, na conversa com amigos ou no comentário, dizemos que a sustentabilidade é muito importante, não podemos dizer que depende apenas das entidades públicas garantir essa sustentabilidade. A sustentabilidade é de todos, social, económica, ambiental.

Deixem-me, apenas, particularizar esta questão da sustentabilidade social e económica. É também tarefa de todos fazer com que uma boa evolução ou uma boa performance deste setor seja a mais alargada possível ou, dito de outra forma, se possa repercutir da forma mais alargada possível.

Todos nós compreendemos que houve tempos em que as exigências e as dificuldades que se sentiram obrigaram a um esforço acrescido de todos, dos empresários, a maiores exigências para com os trabalhadores, a maiores exigências para um conjunto variado de parceiros, de colaboradores neste setor.

O que é importante é que não nos fiquemos por aí. Se é certo que se compreende que, num determinado tempo, houve uma exigência acrescida para com todos, num momento em que os indicadores melhoram não podemos continuar a ter este mesmo grau de exigência e, sobretudo, não podemos ceder à tentação de fazer repercutir apenas sobre alguns a exigência que, porventura, continue a existir.

Dito de forma mais simples: aquilo que, em tempos, até certo ponto era compreensível que se exigisse aos trabalhadores, por exemplo, hoje em dia é importante que o conjunto de matérias que regulam esta relação seja devidamente acautelada e devidamente respeitada, na medida em que há indicadores que começam a melhorar.

Portanto, este segundo aspeto, de ser tarefa de todos, é algo que gostaria também de deixar presente nesta sessão.

Em terceiro lugar, dar nota de que há algo que nunca devemos perder, que é esta exigência e este inconformismo em querer melhorar aquilo que, porventura, já esteja a nível aceitável, que já esteja num nível bom, mas a querer melhorar, claramente, aquilo que não tenha alcançado nenhum destes níveis. Essa exigência e esse inconformismo são, talvez, a chave para o sucesso e para a sustentabilidade desse setor.

Aqui chegados, eu gostaria apenas de deixar uma última mensagem. Este Plano valerá aquilo que todos nós quisermos e fizermos para que ele valha. Não é pelo facto de termos um documento minucioso e aprofundado, trabalhado, não é pelo facto de termos este documento que o Turismo dos Açores terá amanhã melhores ou piores indicadores.

O Turismo dos Açores, amanhã, terá melhores ou piores indicadores se todos nós assumirmos esta como a estratégia que devemos seguir e agirmos em conformidade. Não nos fiquemos apenas por esta sessão tão participada, mas vamos um pouco mais além e devo também, neste momento, chamar, alertar ou suscitar esta reflexão quanto à importância de percebermos, de considerarmos que o Plano - todos os objetivos, todas as metas - será aquilo que todos e cada um de nós fizer com que ele seja, ou trabalhar para que aconteça dessa forma.

E, portanto, não podemos sair daqui dizendo: “Bom! Então nós já temos um Plano Estratégico e de Marketing, então está feita esta parte, pensemos noutras coisas”. Este é um ponto de partida, não é um ponto de chegada. E, desse ponto de vista, é também este apelo que deixo neste momento.

O facto de considerarmos a necessidade, a imperiosa necessidade - porque disso depende o nosso futuro coletivo - de assumirmos esta como uma linha estratégica. Ou entender que não deve ser esta a linha estratégica e termos também consciência, na atividade de cada um, daquilo que isso implica e daquilo que isso responsabiliza cada um.

Julgo que temos todas as condições para, a partir daqui, também poder fortalecer, cada vez mais, o desenvolvimento e o progresso deste setor.

A questão não está em não cometermos a falha, o erro, a omissão. A questão está em termos a consciência de quando se trata de uma falha, de um erro ou de uma omissão, e corrigi-lo.

Com esta mensagem, também, de exigência, de confiança nesse futuro, agradeço o trabalho do IPDT, agradeço o trabalho da equipa liderada pelo Professor Jorge Costa e faço votos para que este documento seja um contributo para a melhoria da atividade deste setor, para o progresso e para o desenvolvimento deste setor, no fundo, para que ele se afirme, cada vez mais, na nossa Região, como um fator de desenvolvimento, de progresso, de criação de riqueza e de criação de emprego.

Muito obrigado a todos.